



Everton Augustin

Professor e gestor escolar
everton.augustin@gmail.com

Música que toca

Ela embala a alma e mexe com o corpo. Ela, como outras formas de arte, nos transporta por tempo e espaço. Praticada em grupo, proporciona conectividade de almas.

Lembro ainda do único concerto do Quarteto de Cordas da Cidade de São Paulo a que tive o prazer de assistir. Os instrumentistas eram um só e os diferentes instrumentos expressavam um único corpo sonoro. Conectividade total de almas na execução primorosa do repertório genuinamente brasileiro. Era possível ver O Trenzinho do Caipira, num Tempo de Caboco-

linhos, atravessar em diagonal o auditório e sair por uma das janelas em busca do Luar do Sertão.

Para produzir qualidade musical são necessários uma enorme dedicação individual e um sem-fim de estudos coletivos. Das primeiras investidas nas partituras e dos estudos dos trechos mais difíceis à execução de música, passa-se por Caminho de Pedra, Águas de Março e Estrada de Sol.

Da família à cidade inteira, todos educam a partir do repertório que oferecem ao seu público. O que se es-

cuta em casa, pelas ruas, nas plataformas musicais é indicativo do que buscamos na música. Bach, bebendo o século 17, produziu uma obra diferente de Schönberg, que, no início do século 20, trazia os sons por vezes desconfortáveis das suas cidades. A vida dissonante como ela é.

Passam gerações e algumas obras permanecem. As clássicas. Outras sucumbem à obsolescência.

Arrisco afirmar que a música ouvida por uma população também é determinante do seu IDH. Ou seria o contrário?

Jornalista e escritora
magalischmitt@hotmail.com



Magali Schmitt

As senhas da vida

A promessa do mundo novo nos quebrou. Trocamos a fila do banco, o papel, o orelhão e a locadora pelo conforto do digital e, num paradoxo curioso, inventamos a burocracia invisível. Ao mesmo tempo que nos catapultou para o mundo, a era moderna nos obriga a criar senhas infinitas para nos proteger de uma sociedade ávida por passar a perna em qualquer desavisado. Ou seja, para nos proteger de nós mesmos.

No começo era fofo. A gente usava o nome do pet, do filho ou data de nascimento. Aí o serviço evoluiu, se espe-

cializou e começou a complicar. Afinal, dizem que o crime é organizado, não? Vieram o caractere especial, a letra e os números. Na sequência, letra maiúscula. Nem sei em que momento, se antes ou depois, virou obrigatório ter oito dígitos. Ponto exato em que a minha criatividade começou a se esgotar, meio que junto com a minha memória de quem assistiu um filme ontem à noite e hoje já não lembra qual.

Nada que eu não resolva. E o jeito foi uma forma ultrapassada, que ainda funciona muito: o bom e velho bloquinho de anotações. E por que não as

notas do celular? Pelo motivo óbvio: não facilitar a vida de quem vive para nos ferrar. Para cutucar um pouco mais essa ferida, alguns sites exigem troca de senha com frequência. E, a menos que você tenha 18 anos e somente uma conta bancária, está fadado ao bloquinho. Não quero ser pessimista, mas o País está envelhecendo — só para ficar no exemplo local. Ou tudo caminha para reconhecimento facial e a digital, sem senhas, ou em breve o maior risco de segurança seremos nós mesmos tentando lembrar como entrar na própria vida.



Nestor Luiz Trein

Professor
nestorluiztrein@gmail.com

Estrada esquecida

Pois nos idos 1885/86, Henrique Pereira de Lucena foi, por seis meses, presidente da Província Riograndense. Bastou para mandar abrir uma estrada de São Leopoldo a Nova Petrópolis, batizada de Presidente Lucena, em meio ao pó e barro, mas de extrema importância ao nosso desenvolvimento, embora as rixas entre ivotienses e estancieiros, quando estes se referiam pejorativamente a subir o “Lemberg” (morro de barro), por isso, quando alcaide aqui e Flavio Klein lá, cicatrizamos esta ferida com muita paciência e mutirões.

“A longevidade é nosso desejo, apesar do efeito colateral: a perda dos amigos”, ensina o imortal LFV. Pois graças à amizade, junto aos vereadores Claudio Sippel e Lúcia Trein praticamos isto com o amigo Rubens Lahude, secretário dos Transportes do Estado em 1995. O encontrávamos “casualmente” no refeitório do Centro Administrativo na capital. Como ele sempre pagava nosso almoço (apesar da sua origem gringa), na terceira vez, atento às nossas justificativas, marcou dia e hora para assinatura da ordem de serviço para o asfaltamento da velha Presidente

Lucena, no trecho de Estância Velha. A inauguração foi em meio ao melhor churrasco e chope no Flor da Rosa. Pena, a placa inaugural sumiu, está lá a pedra desnuda e o doutor Lahude sucumbiu à Covid.

Vejo esta via como fundamental na chamada Rota Romântica e faço um apelo à competente presidente Terezinha Haas: ajude nossos prefeitos na execução de uma iluminação melhor, sinalização horizontal (olho de gato), defensas refletivas e placas informativas. Nosso “ÉSSE” merece, e num futuro, um parquinho seria a cereja do bolo.

Ane Kieling

Arquiteta, escritora e palestrante
ane@ceruttiengenharia.com



Relevância

Falar sobre propósito é, acima de tudo, falar sobre relevância e não uma relevância para o olhar do outro, mas para si mesmo. Existe dentro de nós algo que nos cobra essa presença. É uma espécie de insatisfação interna, um chamado silencioso da alma que não nos deixa estagnar.

Quando ignoramos esse apelo, a insatisfação encontra saídas ruidosas. Descarregamos essa busca na compulsão por compras, na comida, na busca pela perfeição estética, em viagens ou em bens mais caros. Tenta-se preencher o peito com o exterior, mas o vazio permanece.

Existe outro caminho: canalizar essa energia para o coletivo. Ao longo da minha história, realizei projetos de impacto local, regional, estadual e nacional. Poucos conhecem esse percurso, e não importa. Eu sei o que fiz e me sinto validada. Esse desprendimento dá liberdade e co-

ragem.

Ao invés de me acomodar afinal, passei dos 60, ainda quero mais. É um impulso que me faz levantar diariamente, escrever e olhar a vida além do comum.

Em que você é relevante? Percebi que minha relevância está em comunicar meu ponto de vista. Uma visão de mundo diferenciada pode nortear quem está quase lá. Na prática, atuo como um despertador, mas o despertar só acontece para quem está pronto. Nem sempre ouvimos sinais, mas ao escrever todos os dias, alívio angústias e questões filosóficas.

O que impede você de ouvir o seu chamado interno e agir hoje em direção ao que traz verdadeiro sentido à sua vida? Ter propósito é transformar a insatisfação em presença: é a coragem diária de mover o coletivo, acolher nossas inquietações e enxergar a vida além do óbvio.

Giuliano Hoffmann

Vice-pres. de Inov. e Tecnol. da ACI-NH
giu@flokisys.com



Uso estratégico da IA

Através de reuniões e eventos diversos, o Comitê de Inovação e Tecnologia da ACI incentiva o uso da Inteligência Artificial nas empresas em geral. Em reunião recente, debatemos a importância de tratar a IA, assim como a inovação e outras tecnologias, não como um fim em si mesma, mas como meio para gerar resultados, especialmente aumento de produtividade e eficiência.

Nossa percepção é de que muitas organizações estão adotando ferramentas de IA pelo receio de ficarem de fora do movimento tecnológico, mas nem sempre conseguem transformar esse uso em ganhos efetivos para o negócio. Nesse contexto, propomos iniciativas para que o tema da IA seja trabalhado de forma transversal nos demais Comitês da ACI, ampliando o acesso às discussões e estimulando

uma abordagem mais prática e conectada aos desafios das empresas.

Recentemente, realizamos uma edição do evento Economia & Negócios, em que os palestrantes deram dicas para pequenas e médias empresas gerarem resultados reais com a IA. O evento teve avaliação positiva dos participantes, o que reforça o interesse das empresas pelo tema e a importância de promover espaços que aproximem a inteligência artificial da realidade e das necessidades dos negócios.

Cientes da relevância do tema, a ACI e o Comitê de Inovação e Tecnologia vão continuar a busca por uma abordagem prática da inovação e da tecnologia, estimulando o uso consciente de novas ferramentas para que elas efetivamente contribuam para a produtividade, a competitividade e os resultados das empresas.

Eu, fotógrafo

Envie sua fotografia (preferencialmente horizontal) para vidareal@gruposinos.com.br



Flor de trevo desabrochando por causa do calor, numa atencipação da primavera
Jaime Pohren
Novo Hamburgo

Os artigos publicados nesta página são opiniões pessoais e de inteira responsabilidade de seus autores. Por razões de clareza ou espaço poderão ser publicados resumidamente, o tamanho é de até 1.600 caracteres com espaço. Artigos podem ser enviados para opiniao@gruposinos.com.br.

abc+
Mais artigos em
abcm.com/opiniao